

# Carta aos redatores do *La Liberté* <sup>1</sup>

Suíça, Locarno

12 de janeiro de 1870

Aos senhores redatores de *La Liberté*,

Cavalheiros,

Permitam-me antes de tudo expressar minha profunda simpatia pelos magníficos artigos publicados em seu jornal tanto sobre a liquidação do mundo político burguês quanto sobre a criação das Câmaras do Trabalho.

Quanto à primeira pergunta, (a da liquidação) tenho apenas uma observação a fazer. Parece-me que os Senhores não levam até suas últimas consequências a lógica desta liquidação do mundo político ou burguês, que necessariamente leva, em minha opinião, à abolição do Estado e do direito jurídico - duas expressões ou traduções temporárias diferentes do mesmo princípio teológico ou divino.

Se Vocês quisessem considerar a liquidação social deste ponto de vista, a divergência que vos separa de vossos amigos da Internacional, sobre a questão da coletividade ou não coletividade do solo, desapareceria por si só, no sentido de que se tornaria realmente uma pura questão de experiência e das ciências coletivas, nenhuma autoridade reacionária ou mesmo autoproclamada autoridade revolucionária - o que implica uma contradição flagrante, sendo a autoridade e a revolução absolutamente incompatíveis - porque, digo, tendo sido abolido todo poder político e jurídico, nenhuma autoridade poderia mais se arrogar o direito, nem teria meios, para resolvê-lo de cima - seja em nome de uma inteligência ou de uma ciência individual ou doutrinariamente e oligarquicamente coletivas superiores.

Proudhon, tendo desejado apenas conservar a família jurídica foi forçado por uma lógica mais poderosa que seus instintos camponeses revolucionários, a reconstituir e reabilitar a propriedade hereditária, e com ela, para contrabalanceá-la, o Estado... Se ele tivesse vivido mais tempo, empurrado pela mesma lógica, teria reconstruído o bom Deus, para o qual ele sempre manteve um pequeno lugar em sua noção sentimental e mística do Ideal... Ele deveria ter feito isso... e ele estava se preparando para fazê-lo; ele mesmo me disse, a seu modo semissério, semi-irônico, dois meses antes de sua morte, isso foi repugnante para ele evidentemente, mas o cativava ao mesmo tempo. Ele deveria ter feito isso, porque família jurídica, propriedade hereditária, o Estado e Deus são logicamente inseparáveis e inseparáveis de fato.

Mas está na hora de eu parar... Não é para dizer-lhes tudo isso que comecei esta carta; é para pedir-lhes, cavalheiros, que gentilmente me ajudem a recuperar meu "*Apelo*

---

<sup>1</sup> **Fonte:** CD-ROM Bakounine: Ouvres Completes, IHS de Amsterdã, 2000. **Tradução ao português:** Luciana Ribeiro de Brito, membra do Conselho Editorial do Projeto Obras Completas Mikhail Bakunin.

*aos Irmãos Russos*", que foi publicado em seu estimado Jornal e do qual não tenho o menor exemplar.

Se vocês tem apenas um nº de *La Liberté* no qual este *Apelo* foi impresso, apenas um nº livre e do qual vocês possam se desfazer sem grande sacrifício de sua parte, por favor, recortem meu Apelo e o enviem em um envelope, como uma carta não carimbada para meu amigo James Guillaume - Suíça - Neuchâtel - Rue de Seyon: 1. Se vocês tem dois deles, envie-me o outro recorte da mesma forma - e em nome de todos os santos, sempre por Caminho da Alemanha - caso contrário serão confiscados pelos piratas da força policial de Napoleão, como todos os exemplares que vocês enviaram a pedido de Robin.

Se, ao contrário, não tiverem mais nenhum nº disponível, então, cavalheiros, peço-vos a graça de imprimir novamente meu apelo no Brismée, em papel o mais fino possível, adequado para ser enviado em um envelope, mas ainda assim de forma legível, em um número de 200 ou 300 cópias, e de me enviar para o seguinte endereço.

Caminho da Alemanha - Suíça - Cantão de Ticino - Locarno - Sr. Angelo Bettoli  
- para a sra. Stefania

Vou escrever imediatamente a Brismée, pedindo-lhe que assuma esta tarefa, cujo preço lhe enviarei sem demora.

Espero, Senhores, que vocês me façam este favor e que não vos zanguéis comigo por ter pedido que o fizessem.

Me é absolutamente necessário que eu tenha meu *Apelo* em um certo número de exemplares, porque a imprensa alemã, e sobretudo os judeus de todas as nações: russos, poloneses, alemães, franceses e outros fazem ataques contra mim, como verdadeiros representantes hereditários e tradicionais do princípio burguês que eles são, alguns deles me representando como propagandista de regicídio, outros como um agente provocador do governo russo. Chegou a hora de acabar com eles.

Peço-lhes, cavalheiros, que cumprimentem, de minha parte, primeiro à César [de Paepe], Hins e Brismée, e depois os cidadãos Van Goits Noven, Robert e Splingard, que são velhos conhecidos meus, sem esquecer o cidadão Fontaine, peço-lhes.

Seu *Liberté* é lido em Paris? Seus artigos sobre a liquidação da política burguesa e sobre a Câmara do Trabalho seriam imensamente úteis lá, especialmente em Paris, onde parecem ter-se condenado definitivamente a uma restauração de 48, sem levar em conta a lição de junho.

Por favor, aceitem, cavalheiros, a expressão de minha estima e de minha simpática devoção.

M. Bakunin